

EURICO LARA

EURICO LARA



*O guardião
das traves
quadradas
da Baixada
foi imor-
talizado
no hino de
Lupicínio
Rodrigues*

“Em Uruguaiana, há um goleiro que,
quando ele joga, o seu *team* não perde!”
Máximo Laviaguerre

O craque imortal

Entre a verdade e a lenda, publique-se a lenda: o maior goleiro da história do futebol gaúcho partiu, como todo grande herói merece, defendendo o que mais amava, fazendo o que mais gostava e dando a mais contundente das alegrias a seus fiéis seguidores. Eurico Lara, o mais imortal dos craques do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, morreu fulminado por um tirombaço, na grama da Baixada, estirado na marca da cal, depois de defender um pênalti em um clássico Grenal, o mais sangrento e acirrado embate do futebol brasileiro. O chute, potente como um raio, foi desferido, depois de apenas três passos, pelo seu irmão de sangue, mas feroz inimigo nas quatro linhas: Arthur Friedenreich, o maior de todos antes de Pelé, o mulato alemão de olhos azuis e vocação goleadora que também virou lenda do futebol nacional – uma delas diz que El Tigre, como era chamado, teria marcado 1.239 gols; na verdade, foram 554, um feito espantoso de qualquer forma. A defesa heroica do *goalkeeper*, que vestia um fardamento imaculadamente branco com listras preta e azul, no chute do *center-forward* que trajava vermelho, garantiu mais um título ao Tricolor gaúcho, o dono da cidade e do estado naqueles românticos anos 1930. Por um momento, ao evitar o gol, depois de projetar o próprio coração contra o balão de couro alaranjado com costuras desgastadas, Lara tornara literal seu sentimento pelo clube. A recíproca veio nos anos 1950, em um verso da canção de Lupici-



Em 1935, Lara e Foguinho puxaram a fila do Grêmio na vitória contra o Santos, a primeira de um clube gaúcho sobre um paulista

nio Rodrigues que logo se transformou no Hino Oficial do Grêmio: “Lara o craque imortal/ soube o teu nome elevar/ hoje com o mesmo ideal/ nós saberemos te honrar.”

Nosferatu pelo-duro. Eurico Lara nasceu em Uruguiana, cidade do extremo-oeste do Rio Grande do Sul que faz divisa com Artigas (no Uruguai) e Paso de Los Libres (na Argentina), em 24 de fevereiro de 1897, e morreu em Porto Alegre, no dia 6 de novembro de 1935, com apenas 37 anos. Muito magro e muito alto, era um Nosferatu de Murnau em versão pelo-duro pampiana. Seu tipo físico de índio fronteiro incluía cabelos lisos e pele escura. Tinha cerca de 1,90 metro de altura, o que lhe concedia um aspecto desengonçado. Não demonstrava nenhuma técnica na posição de goleiro do time do exército, no qual começou a jogar com 18 anos, depois de tentar a sorte como ponteiro-esquerdo. Mas sua desenvoltura e capacidade de evitar gols eram tamanhas que logo gerou o bochicho sintetizado nas legendárias palavras do conselheiro gremista Máximo Laviaguere, que tinha ido conferir o militar em ação: “Em Uruguiana, há um goleiro que, quando ele joga, o seu *team* não perde!”

Em 1919, alertado pelo atuante conselheiro, o Grêmio enviou um de seus dirigentes, o ex-atacante Luiz Assumpção, para a fronteira, autorizado pelo presidente Aurélio de Lima Py, em busca da tal muralha humana, que então jogava pelo Esporte Clube Uruguaiana. A partir daquele ano, o clube, hegemônico nas conquistas metropolitanas, começaria a disputar o Campeonato Gaúcho, que colocaria frente a frente os campeões de diversas regiões do Rio Grande do Sul. Era preciso se reforçar. Como Lara era cabo do exército e vivia-se uma época de total amadorismo no futebol brasileiro, o Grêmio já tinha providenciado uma maneira de manter seu emprego na Capital. Por conta de um manobra política que incluiu contatos com o comando militar, e a despeito da desconfiança e contrariedade de alguns sócios do clube, conseguiu um cargo para ele na Carta Geral (atual 1ª Divisão de Levantamento), em Porto Alegre. O Grêmio era formado por uma elite de prósperos comerciantes, e parte deles questionava a origem humilde do jogador e uma possível inadequação naquela refinada sociedade. Foram voto vencido, sobretudo, pela vontade do presidente, e a transferência tinha tudo para ser concretizada – se dependesse dos porto-alegrenses, porque Lara, comunicado da proposta para jogar tão longe de casa, não quis saber de conversa. Tímido e incomodado com a mudança iminente, chegou a se alojar na enfermaria do quartel e fingir uma doença para não ter que ir para a cidade grande. Passado o susto inicial, foi para lá ser tão grande que até hoje está na memória de todos os gremistas.

A futura lenda desembarcou de trem na capital sulista em 1920, com 23 anos, e defendeu o gol do estádio construído em 1904 na bucólica e burguesa área conhecida como Schuetzverein Platz, em frente ao Tiro Alemão e entre o Prado do Moinhos de Vento e o mato Mostardeiro, até morrer e entrar para a história. Lara foi a muralha humana debaixo das traves quadradas do verdadeiro bunker em que se transformou a Baixada do Moinhos de Vento, não por acaso, apelidada de Fortim da Baixada, o lar tricolor até 1954. Ele estreou no dia 15 de junho de 1920, na vitória por 3 a 0 contra o Juventude de Caxias do Sul, dois meses antes de disputar seu primeiro Grenal, dia

22 de agosto, com vitória por 2 a 1 e o título de bicampeão cidadão. Despediu-se em 22 de setembro de 1935, quando jogou o primeiro tempo do mais importante Grenal da história, pela decisão do Campeonato Farroupilha. Substituído por Chico por conta da saúde precária, ouviu, da cama, seu clube vencer por 2 a 0 e comemorou mais um título depois do jogo, mas teve de ir direto para o hospital, onde morreu, 46 dias mais tarde, de insuficiência cardíaca agravada por uma tuberculose. Ganhou 16 títulos, um por cada ano em que vestiu a número 1 do Grêmio. Levou apenas um gol a partir de um escanteio em toda a carreira, em 1932, num amistoso contra o uruguaio Montevideu Wanderers F.C., base da Celeste Olímpica campeã de 1930, mas só depois de levar uma rasteira do centroavante adversário. Ano após ano, criava novos motivos para construir a própria lenda.

A muralha de Schuetzverein Platz. Uma vez radicado em Porto Alegre, o interiorano Eurico Lara comprovou, gradativamente, a fama de grande goleiro e refutou de imediato as desconfianças da parte dos sócios tricolores. À medida que se acostumava com a agitação da metrópole que crescia vertiginosamente, sobretudo na área em que o Grêmio edificou sua fortaleza, ele ia se refinando como atleta. Sua conduta como homem sempre se mostrou irrepreensível. Lara acreditava no rigor da ética militar e a seguia como cartilha. Nunca deixou de lado a timidez que carregava da infância, mas era cordial e muito leal aos amigos.

Nos primeiros jogos e treinos, o grandalhão de casquete vermelho, bermudão escuro e joelheiras brancas tratava da pelota como se fosse um pugilista. Dificilmente deixava de alcançá-la, mas, assim como ela vinha, voltava, golpeada para longe com vigorosos munhecaços. Embora a regra vigente pelos idos dos anos 1920 não protegesse os goleiros como hoje, e socar a pelota era uma boa maneira de se proteger das botinas adversárias, o goleiro do Grêmio foi instruído a aperfeiçoar suas defesas, incluindo o encaixe da bola com as suas enormes mãos. Voluntarioso, ele treinava horas a fio sozinho, rebatendo a pelota contra um paredão do estádio. Em pouco tempo, mu-

dou o estilo de evitar gols e passou a impressionar, inclusive, os adversários, por sua versatilidade e firmeza. Eurico Lara era fascinante, e a máxima de que um grande time começa por um grande goleiro era uma verdade absoluta pelas bandas da Schuetzverein Platz.

Com seu número 1 fenomenal, que, além de defender todas, orientava o time, liderado pelo meio-campista Lagarto, que mais tarde se transferiu para o futebol carioca e chegou a ser convocado para a seleção brasileira, o Grêmio foi campeão gaúcho pela primeira vez em 1921, no mais completo dos torneios estaduais organizados até então, com representantes das regiões Centro, Sul, Fronteira e Serra. Em 1922 vieram o bicampeonato estadual e o tetra da cidade para o tricolor gaúcho. Além dessas, Lara colocou no peito a faixa de campeão das Olimpíadas do Exército do ano em que a Semana de Arte Moderna concedeu ares mais contemporâneos ao país.

O pênalti de El Tigre. A lenda a respeito da morte trágica de Eurico Lara ganhou forma gradativamente, quase como um telefone sem fio. Um tanto roteiro de novela da vida real, a história foi ganhando ingredientes à medida que o goleiro se destacava regional e nacionalmente. Um fato atemporal e preponderante é que a saúde do protagonista apresentava, desde muito cedo, sintomas de uma tuberculose crônica e traços de insuficiência cardíaca. O acontecimento esportivo que convidou o craque *Freundenreich*, *El Tigre*, para a trama se deu em 1922, quando o goleirão foi o titular da seleção gaúcha no prélio contra os melhores de São Paulo, no tapete verde do histórico Chácara da Floresta, estádio da Associação Atlética das Palmeiras, próximo ao rio Tietê – o nome do clube locatário foi escolhido mais tarde para rebatizar o clube do Parque da Antártica, o Palestra Itália, e, posteriormente, o estádio foi adotado como primeira casa de outro grande daquela cidade, o São Paulo Futebol Clube. O jogo entre paulistas e gaúchos integrava o primeiro Torneio Brasileiro de Seleções, uma disputa extraoficial organizada para comemorar o centenário da independência e que veria desfilarem os craques que seriam convocados para o sexto torneio Sul-Americano de



Em 1920, atuando de azul celeste, o Grêmio de Lara foi bicampeão da cidade e do estado

seleções daquele ano, que foi disputado em setembro, no Brasil, e vencido pelos donos da casa.

Ao pisar no gramado da Chácara da Floresta, o gigante e desengonçado Lara foi motivo de chacota para os torcedores locais. No final da tarde de 2 de agosto, saiu de campo ovacionado pelo mesmo público, apesar de os paulistas terem vencido a partida por 4 a 2. Lara foi o melhor em campo e evitou uma goleada do futuro campeão do torneio, que, na fase eliminatória, tocou 13 a 0 nos mineiros



e tinha seis jogadores da seleção brasileira: Barthô, Amílcar, Formiga, Neco, Rodrigues e o maior craque da época, Friedenreich. No primeiro tempo, sua coleção de defesas acrobáticas incluiu um pênalti batido por Fried, que simplesmente não os errava. O jogo foi para o intervalo com vitória parcial dos visitantes, por 2 a 1, mas uma lesão amenizou os milagres de Lara e os donos da casa viraram o placar.

O goalkeeper dos gaúchos. A fama regional de Eurico Lara era diretamente conectada a suas atuações pelo Grêmio, mas sua notoriedade nacional veio com as participações como goleiro do time gaúcho no Campeonato Brasileiro de Seleções, que a partir de 1923 passou a ser disputado oficialmente. Organizado pela CBD, o torneio era a oportunidade de atletas do Sul do país mostrarem seu futebol em centros mais desenvolvidos, numa época em que os transportes e as comunicações não estavam ao clique de um mouse. Durante esse período, Lara foi o único jogador gaúcho convocado para todas as disputas e ouviu dezenas de convites de clubes paulistas e cariocas para jogar, mas os rejeitou. Em 1927, o Rio Grande do Sul goleou pernambucanos e paranaenses e se credenciou para disputar a semifinal com o poderoso Rio de Janeiro, no então Distrito Federal. Foi derrotado, mas teve Lara como destaque e o reconhecimento

do governo gaúcho. Getúlio Vargas, que era gremista e tinha a simpatia política do homem de Uruguaiana, enviou uma carta saudando a delegação de seu estado.

Em 1930, o eterno militar ajudou o político a tomar o poder. Lara foi um dos tenentes do Movimento Tenentista que comandou a Revolução Constitucionalista e levou Getúlio a assumir a presidência do Brasil, dando fim à República Velha. De volta aos campos gramados de batalha, o goleiro foi novamente o melhor em campo na derrota por 1 a 0 do Rio Grande do Sul para o São Paulo, de Friedenreich, numa das partidas do Campeonato de Seleções de 1931. Sua última

participação no torneio foi em março de 1935, quando uma foto flagra o goleiro e a dupla de zaga gremista da época, Luiz Luz e Dario Passos, numa descontraída brincadeira chamada de “Concerto do Extraordinário pianista Luiz Luz”, no hotel do Flamengo, no Rio de Janeiro.

O choque com Mário Seixas. Inseparável dentro e fora de campo, o trio Lara, Dario e Luiz Luz estava novamente em campo em maio de 1935, em mais um episódio fundamental dos fatos que ajudaram a formatar a lenda da morte trágica de Lara. O Grêmio disputou um amistoso contra o poderoso Santos, no Fortim da Baixada, e conseguiu a primeira vitória de um time gaúcho contra uma equipe paulista. No ataque do Peixe estava Arthur Friedenreich, que, novamente, se via à frente do carrasco Eurico Lara, então vestindo uma bela camisa branca de mangas curtas enfeitada por listras horizontais, uma azul, outra preta. Na Baixada, os torcedores espremidos viram Castilho e Veronese marcarem primeiro para o Grêmio, mas, no final do primeiro tempo, tremeram com a reação santista, a partir do gol de Friedenreich, de pênalti – tão contestado pelo time da casa que o juiz Carlos Ribeiro preferiu abandonar o jogo depois de ouvir as reclamações. O Grêmio chegou a ceder o empate, no segundo tempo, mas ainda teve um pênalti a seu favor, a poucos minutos do final. Foi Dario quem converteu e deu a vitória inédita aos gaúchos, por 3 a 2. O segundo gol dos paulistas foi marcado pelo atacante Mário Seixas. Logo depois, em mais uma investida na pequena área gremista, ele chocou-se fortemente contra o goleiro tricolor. O resultado da bola prensada contra o peito de Lara foi uma concussão e a descoberta de que era cardíaco. A recomendação pós-jogo foi que nunca mais jogasse futebol.

Sanduíche com guaraná. No longo período em que Eurico Lara foi o dono da camisa 1 do Grêmio, o futebol se transformou, mas ainda guardava ares tão amadores que os salários atuais dos grandes atletas pareceriam tão mitológicos quanto as circunstâncias da morte do goleiro que virou mito. Lara até que tentou



ganhar algum dinheiro com o esporte, quando foi convidado para jogar pelo Fussball Club Porto Alegre, o clube que fora o primeiro adversário do Tricolor gaúcho da cidade, no distante 1904, mas disputou apenas uma partida pelo rival alviverde do Grêmio, foi derrotado pelo próprio e voltou para seu lar. Literalmente, Eurico Lara morava no Fortim da Baixada. De alguma forma, numa época em que “os jogadores, depois de um treino ou jogo, se reuniam em um sobradinho na Baixada, onde tomavam banho e ganhavam um sanduíche com suco ou guaraná” como pagamento, sem qualquer vínculo empregatício, como contou o ex-presidente e vizinho de Lara, Hermínio Bittencourt, ao jornalista Ruy Carlos Ostermann, no livro *Até a pé nós iremos*, o goleiro podia ser considerado um funcioná-